



Recebido em: 11/07/2016

Aceito em: 03/10/2016

DURA EUROPOS COMO ESTUDO DE CASO PARA AS COMUNIDADES PALEOCRISTÃS.

DURA EUROPOS AS STUDY OF CASE FOR PALEOCHRISTIANS COMMUNITIES.

Juliana B. Cavalcanti¹

PPGHC-IH/UFRJ

LHER-IH/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/6770181406770057>

Resumo: Dura Europos foi escavada na década de 1930 pela Universidade de Yale e a Escola Francesa de Letras. Nesta cidade, situada na região da Síria, foram localizadas três casas-templos respectivamente: uma casa-síganoga, uma casa-igreja e uma casa mitrática. Em todos os casos o que se observou é que a estrutura interna da edificação passou por pequenas adaptações para abrigar as necessidades e demandas de cada culto.

Neste sentido, a partir da evidência material é possível propor paralelos sócio-arquitetônicos entre as três e perceber que os rituais de iniciação e manutenção das comunidades paleocristãs paulinas estão interagindo muito mais com o seu entorno religioso do que sendo uma 'invenção' das lideranças locais.

Palavras-Chave: Dura Europos – Cristianismos – Relações Batismais

Abstract: Dura Europos was excavated in the 1930s by Yale University and the French Language School. In this city, located in the region of Syria, it was located three houses temples respectively: a home Synagogue, a house Church and home Mithraism. In all cases what is observed is that the internal structure of the building has undergone minor adjustments to accommodate the needs and demands of each service.

In this sense, from the material is possible evidence propose socio-architectural parallels between the three and realize that the rituals of initiation and maintenance of the Pauline early Christian communities are interacting more with their religious surroundings than being an 'invention' of local leaders.

KeyWord: Dura Europos – Christianities – Relations Baptisms

¹ Juliana Batista Cavalcanti Miranda Tavares. Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada pela mesma universidade. Coordenadora na área de Cristianismos no Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER). Email: julianajubcmt@yahoo.com.br

I. A escavação da cidadela de Dura-Europos se deu em circunstância de exploração, em finais do século XIX e início do século XX, da região da Síria. Região essa entendida como uma área que tinha pouco a contribuir para os processos de romanização no Oriente, mas muito a dizer no que diz respeito aos estágios de helenização².

Assim se deu a descoberta acidental de Dura-Europos³, que teve o início de sua investigação entre os anos de 1921-1922 pela expedição arqueológica conjunta da Universidade de Yale e da Academia Francesa de Letras. Onde se encontrou, em 1931, uma interessante evidência para a forma física de um edifício e sua renovação para o uso cristão (HUMPHRIES, 2008: 91).

A cidade foi fundada no final do século IV AEC pelos selêucidas, na fronteira com o rio Eufrates, tendo se tornado posteriormente uma cidade romana (de 165 EC a 211 EC) e tendo sido saqueada e abandonada pelos sassânidias em 256-257 EC. Durante os três primeiros séculos de sua existência⁴ Dura-Europos cresceu para ser um grande centro urbano. Comportando o comércio – mediando rotas entre a Índia e o Mediterrâneo – e administração regional para as ricas terras agrícolas da Mesopotâmia do outro lado do rio, os assentamentos menores ao longo do Eufrates e as comunidades pastoris da estepe circundante. Abrigando ainda diferentes templos, o que fomentava uma alta circularidade de pessoas e alimentos.

A população de Dura-Europos sob os selêucidas consistia em dois grandes grupos: ricos colonos gregos encarregados de manter a segurança da cidade e os povos indígenas semitas da Mesopotâmia fundiária. Além disso, a cidade recebia fluxos constantes de mercadores, soldados e outros funcionários, bem como civis que utilizaram a cidade como uma parada em suas viagens. Eles elementos aliados com a geografia da cidade fomentaram um ambiente poliglota e complexo, no que diz respeito à cultura e à religião. Um dado, importante desse multiculturalismo é a

² Autores como Theodor Mommsen e Francis Haverfield afirmaram que a única contribuição romana para a região foi o aumento populacional. A dificuldade em um diálogo com Roma estaria no fato de que o processo de romanização só foi possível em áreas que desconheceram o helenismo. Essas colocações ainda vigoram na atualidade, sendo decisivos trabalhos recentes como de Lidewijde Jong (2007), Susan Downey (1998, 2000) e Beate Dignas e Engelbert Winter (2007) que demonstram que do ponto de vista textual e arqueológico há pouco a dizer sobre o período helenístico. Mas quando nos voltamos para o período romano é possível a acessar uma série de documentações e mesmo a pensar em políticas de resistência, no âmbito cultural, à dominação romana.

³ Lisa Brody (2011: 17-18) nos conta que a descoberta foi feita pelo capitão Murphy e que rapidamente escreveu para o seu comandante, o tenente-coronel Gerard Leachman, descrevendo a mesma e solicitando assistência arqueológica.

⁴ A cidade foi fundada por macedônios gregos em aproximadamente 300 AEC e ficou completamente abandonada entre a sua destruição por volta do ano de 256 EC pelos sassânidias e sua eventual redescoberta em início do século XX.

existência de comunidades judaicas já no século I AEC⁵, que provavelmente migraram para a cidade a partir da rota que ligava a Babilônia e a Palestina (MATHEUS, 1982: 7; STEPHANOS, 2001: 5). Muito embora a expansão e os mais relevantes dados materiais, como edificações judaicas, só passam ser registradas sob os domínios parta (113 AEC a 165 EC) e romano.

Durante o período romano, Dura-Europos foi empregada como um importante forte, sendo elevada a categoria de colônia após 50 anos de controle imperial. Do ponto de vista populacional, a maior porcentagem continuou sendo de indivíduos de origem semita (persa e mesopotâmica), mas com raízes diferentes do período selêucida. O que implica dizer que a presença romana dirigiu grupos inteiros de Dura, enquanto que ao mesmo tempo, atraiu novos grupos sociais de regiões distintas. Outro grupo que compunha a sociedade de Dura-Europos era as legiões romanas que levaram o culto ao deus Mitra. Muito embora, a referida divindade fosse uma das mais conhecidas no Oriente⁶, o culto a Mitra em Dura-Europos representava do ponto de vista religioso o controle de Roma sobre a cidade. Uma vez que o culto se restringiu aos militares romanos. Em outras palavras, o culto de Mitra tinha pouca relação com outras experiências religiosas locais e excluiu a maioria da população da cidade.

Do ponto de vista econômico, nesse período, a cidade parecia girar em torno da preocupação em fornecer serviços (incluindo habitação e suprimentos) para suas forças residentes, que estavam preocupados principalmente em fortificar a cidade para resistir a um ataque dos persas. Essa nova função e realidade geopolítica (a cidade já não era tão politicamente estável como no período selêucida) acabaram fomentando uma queda no *status* de cidade caravana, o que implicou diretamente numa redução do padrão de vida da população durana.

Neste contexto, emergem os grupos cristãos que detinham uma pequena edificação situada na mesma rua em que estavam localizados o templo ao deus Mitra e a sinagoga (Figura 1). Segundo Carl Kraeling (1967: 20) pode-se datar a igreja do século III EC, tendo sido a principal evidência para datá-la como um

⁵ A principal base para afirmação se encontra no fato de terem sido encontrados moedas que datam do período asmoneu. Contrariando assim, uma antiga suspeita de que a comunidade judaica teria chegado apenas no período da dominação romana. Ver: Stefanos, 2001: 4-5.

⁶ Arnaldo Momigliano (1971: 148-149) já ponderava em seu livro “O limites da helenização” que os romanos estabeleceram um culto mitraico distinto do culto persa. Ele afirmou: “O Mitraísmo romano, com seu sistema de colégios e hierarquia de iniciados, a provável ausência de sacerdotes, a ênfase na luta e vitória e sua intelectual crueza, era exatamente o oposto da refinada decepção helenística grega praticada sobre si mesma por cultivarem o Zoroastrismo. Foi um verdadeiro culto e reforçamento a lealdade por parte dos soldados, funcionários e comerciantes ao Império Romano. No Egito Romano há uma abundância de evidências para o novo culto de Mitra, mas no Egito ptolemaico, tanto quanto eu saiba a única evidência para uma prática autenticamente Mazdeísta é do terceiro século AEC [...] Se Mitra, de acordo com Lucio (Deorum Concil. 9), não falava grego, ele certamente falou latim.”.

templo cristão a existência de um batistério no segundo pavimento.⁷ A igreja teria passado por uma ampla reforma para atender os seus adeptos entre os anos de 240-241 EC. Observou-se que as técnicas estruturais e de acabamento dialogavam com as outras casas-templos, o que para muitos estudiosos sinaliza que os cristãos se inseriram num modelo arquitetônico e civil de seu tempo.



Figura 1: Planta de escavação sinalizando as três edificações-templos em Dura-Europos. Obtido em: <http://www.le.ac.uk/ar/stj/dura.htm#late> (intervenções nossa).

Significativamente, em todos os três casos encontrados em Dura-Europos a renovação inicial para o uso religioso não fez nada para que se retirasse o caráter doméstico básico do prédio existente. Para o caso cristão, que é o que nos

⁷ Muito embora a edificação seja datada do século II EC, e a adaptação para abrigar a comunidade cristã seja do século III EC. Ver: Kraeling, 1967: 19-20.

interessa, apenas o ambiente 4 sofreu maiores intervenções (sendo fragmentado em dois novos cômodos), conforme é possível ver nas Figuras 2 e 3.

Neste sentido, Dura-Europos nos permite examinar os diferentes elementos que compõem o edifício, a interpretar o seu desenvolvimento a partir de casa privada à igreja, entender as atitudes dos cristãos de Dura-Europos para iniciação e escritura a partir dos assuntos escolhidos para o ciclo de afrescos no batistério⁸ e a especular quanto ao perfil social da comunidade que utilizou o edifício. Ainda que a construção cristã não tenha sido utilizada como residência depois de sua reforma (HUMPHRIES, 2008: 92-94; WHITE, 1990: 102-14; WHITE, 1991: 10-12).

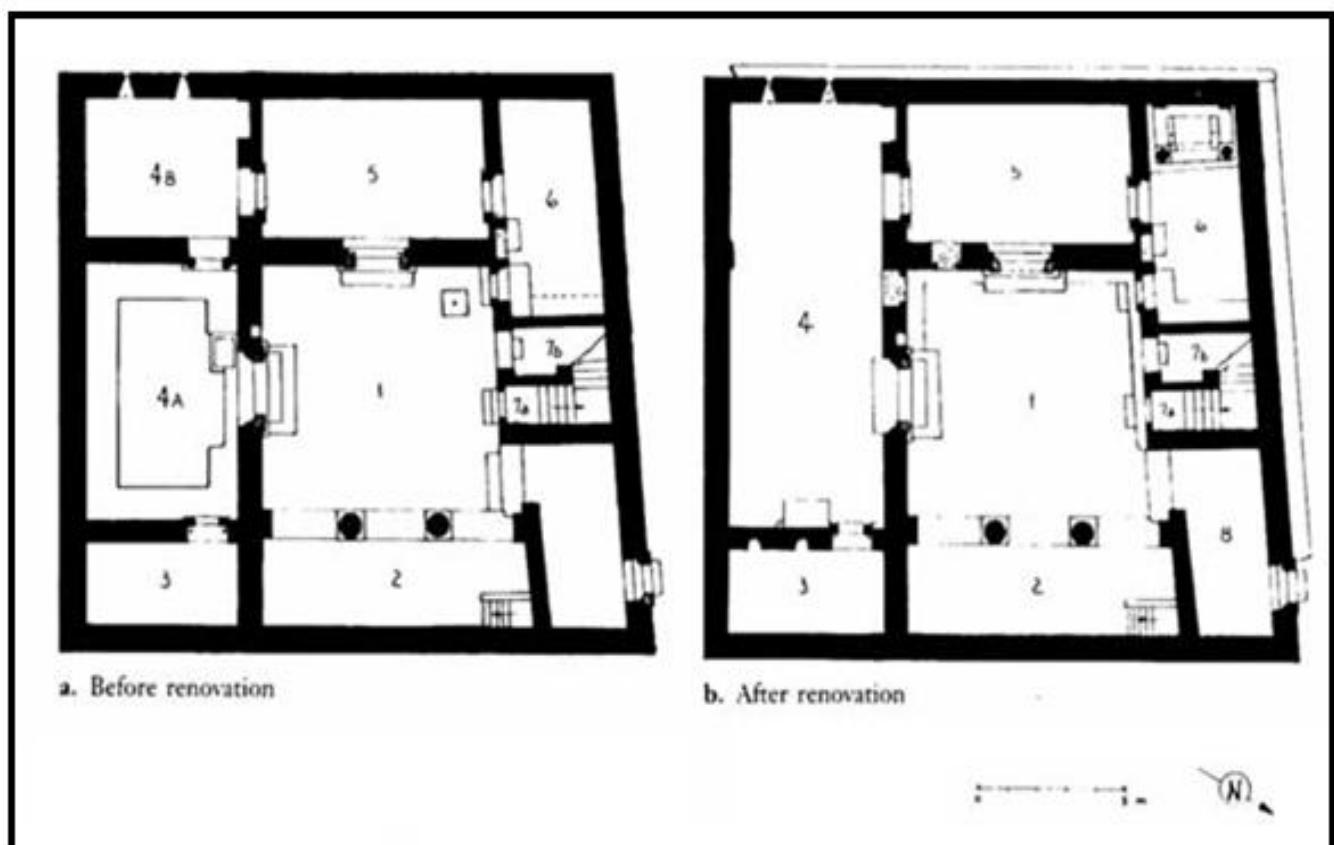


Figura 2: Plantas Baixas da Casa em Dura-Europos sinalizando os estágios anterior e posterior a reforma. Fonte: WHITE, L. **The Social Origins of Christian Architecture. Building God's House in the Roman World: Architectural Adaptations among Pagans, Jews and Christians (Vol 1).** Valley Forge: Trinity Press International, 1990.

⁸ Como veremos mais adiante em Dura-Europos encontra-se também o mais antigo batistério que se tem notícia.

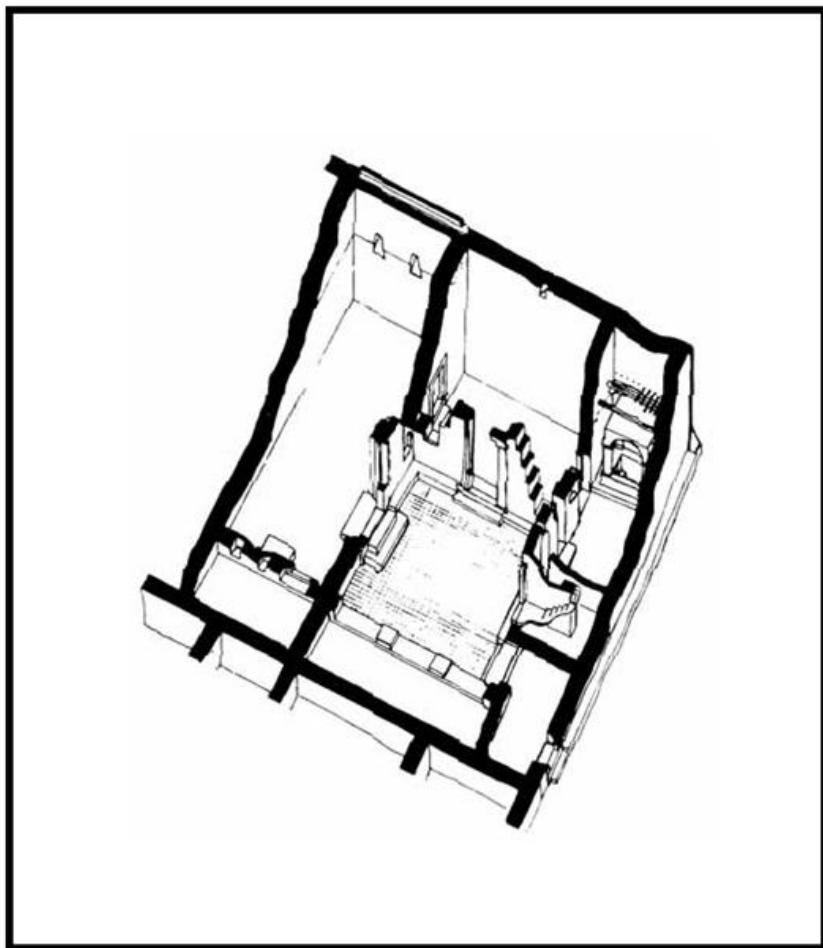


Figura 3: Plantas Isométrica, sentido AA' (Horizontal), da Casa em Dura-Europos sinalizando os estágios anterior e posterior a reforma. Fonte: WHITE, L. **The Social Origins of Christian Architecture. Building God's House in the Roman World: Architectural Adaptations among Pagans, Jews and Christians (Vol 1)**. Valley Forge: Trinity Press International, 1990.

II. Assim, a cultura material nos evidencia o quanto importante era para as comunidades paleocristãs o ritual batismal, sendo o exemplo mais antigo existente de arquitetura batismal o quarto-batistério de Dura-Europos (Figura 4). O quarto localizado ao norte da casa foi transformado em um salão batismal, contendo uma fonte retangular em sua extremidade oeste, com medições (1.6 x 1x 1) m. Tendo sido colocada em um nicho coberto por um arco.

Este arranjo tem semelhanças com o arco recesso (*arcosolium*) ao longo de um sarcófago em uma catacumba romana. Nesta instância a fonte substituiu o túmulo retangular ou sarcófago. Ambos os cofre do arco e do teto da sala são pintados com estrelas brancas em um campo azul. O arco em si tem uma faixa decorativa de romãs, uvas e trigo. A luneta sob o arco mostra uma imagem de um pastor com suas ovelhas e ainda Adão e Eva em ambos os lados uma árvore. Uma serpente desliza pelo chão entre eles.

Os registros das pinturas das outras paredes (sul, norte e leste) foram em grande parte destruídos, mas as cenas restantes foram identificadas. Na parede sul temos a mulher samaritana no poço e Davi e Golias. Na parede norte está Jesus curando o paralítico, andando sobre a água, e acalmando a tempestade e, abaixo destas iconografias, vemos três mulheres⁹ transportando tochas em direção a uma estrutura retangular com um telhado pontiagudo, com as estrelas a cada canto.

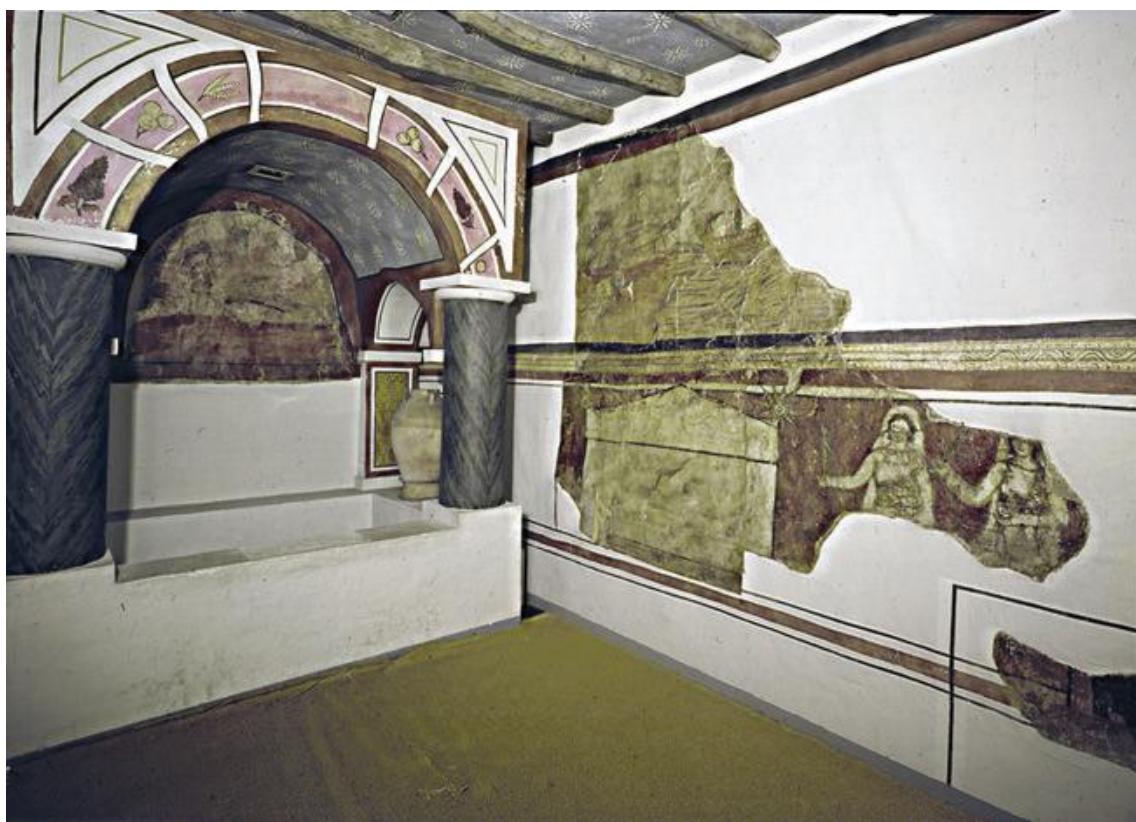


Figura 4: Batistério, Dura Europos, leste da Síria, ca. 240. Foto: Yale University Art Gallery, Dura-Europos Collection. Fonte: JENSEN, R. **Living Water. Images, Symbols, and Settings of Early Christian Baptism.** Boston: Brill, 2011.

A parede sul da sala tinha duas portas e uma abertura para um pátio central e outro em um quarto ocidental que pode ter servido como um espaço privado para a preparação dos candidatos ao batismo. Esta sala de ligação levou para o que tem sido assumido como sendo um espaço conjunto para a comunidade na parte sul da casa (JENSEN, 2011: 182-183).

Os dois dados mais relevantes que o batistério em Dura-Europos nos traz é que: (1) o batismo era originalmente um ritual administrado em um lugar com água corrente/nascente. Um bom exemplo disto está no relato do batismo de Jesus ou ainda o batismo de um etíope registrado em Atos dos Apóstolos (At 8: 36-40).

⁹ Os estudiosos discordam sobre se esta pintura mostra a três mulheres a chegar ao túmulo vazio na manhã de Páscoa (cf. Marcos 16: 1), ou (em alternativa) três das cinco virgens prudentes aproximando o do noivo tenda (cf. Mt 25: 1-13).

Entretanto, a existência de um batistério em pleno século terceiro demonstra que já na metade do século III EC o rito começou a ser ministrado no interior de casas, com um designer especial. Esta mudança fomentou também a existência de piscinas domésticas ou mesmo a utilização de banheiros (seja público seja privado). A própria expressão batistério (em latim *baptisterium*) implica em uma piscina ou uma vasilha grande (JENSEN, 2011: 179-180). E (2) quanto à produção iconográfica¹⁰, que reforçam o ambiente que entende o batismo como: purificação, renascimento, santificação e vida após-morte. Ao mesmo tempo a configuração da iconografia batismal, nos permite ver como os cristãos açãoaram eventos e personagens neo e veterotestamentárias de forma a atribuir novos significados, dando realidade ao mito por intermédio da prática cotidiana dos membros.¹¹

Quando comparado à cultura material com a documentação literária paleocristã fica claro que o batismo pode ser entendido não como um ato preparatório, mas como o rito central para transformação ou de passagem do mundo exterior que é 'imundo' para uma comunidade que foi "lavada" e "santificada". Uma conceituação distinta com o batismo de João Batista que foi um

¹⁰ As primeiras representações pictóricas de batismo apareceram na catacumbas romanas. Estas pinturas de parede subterrâneas pertencem a um limitado repertório de imagens que sobreviveram principalmente por serem em local subterrâneo, escapando assim de demolições causadas por reformas urbanas. No entanto, a sua definição sepulcral contribuiu não só para a sobrevivência destas pinturas, mas também para a sua seleção e conteúdo. Embora os estudiosos suponham que os cristãos produziram arte não fúnebre desde muito cedo (sendo a maior parte perdida), a ocorrência destas cenas num contexto de enterro sugere que tinham alguma relação especial com as crenças cristãs sobre a morte ou a vida após a morte.

Uma descrição de batismo é especialmente apropriada para um túmulo, porque o batismo serve tanto como o ritual cristão de associação, como para significar a passagem do antigo para novo estágio, decretando morte espiritual do indivíduo e seu renascimento. Além disso, o batismo é o meio pelo qual um membro reivindica a promessa de salvação em sua vida após a morte. Cenas de batismo na catacumba geralmente incluem certos detalhes distintivos, a saber: um jovem nu ou a criança em pé na ou sob uma corrente de água, tendo um homem vestido com a mão direita sobre a cabeça do jovem, e uma pomba que paira acima de ambas as figuras. Às vezes árvores ou rochas indicam um letreiro, slogan. As variações são relativamente mínimas; alterações no vestuário de quem batiza ou da pomba nem sempre é aparente. Ocionalmente, um terceiro está ao lado de quem batiza (JENSEN, 2011: 5).

¹¹ Mas não apenas elementos neo e veterotestamentários. É possível perceber um profundo diálogo com a cultura helenística. Dois exemplos podem ser rapidamente açãoados. O primeiro deles é o pastor com o cordeiro que está no frontão do batistério. No caso em específico, esse pastor é Jesus e podemos afirmar isso quando levamos em consideração a quantidade enorme de representações do bom pastor encontradas em catacumbas e construções cristãs. Contudo, esse modelo de o bom pastor já foi na Bacia Mediterrânea para pensar Hermes, Apolo e mesmo Hércules. Há algumas diferenças, Jesus aparece sempre com um rapaz de feições finas e jovens, enquanto que Hermes e Hércules, por exemplo, sempre musculosos. Essas variações estéticas devem ser colocadas lado a lado e entendidas como rivais. É como se dissessemos: quem é maior? O jovem Jesus ou o deus (ou semideus) Hermes/Apolo/Hercules? (MATHEWS, 1995 (1993): 8)

Esses padrões estéticos vão diretamente ao encontro com o segundo exemplo, as imagens de Jesus andando sobre as águas e curando um paralítico. Em ambas as situações Jesus não tem barba, é um jovem. Além de parecer ser privilegiado os momentos de cura de Jesus, isso implica diretamente nas leituras dessa comunidade sobre Jesus. O Jesus dos cristãos duranos é o curandeiro ou um homem divino (*theios aner*) e não um deus.

rito em muitos aspectos análogos as narrativas veterotestamentárias, exceto pelo fato de que o ritual visava retirar o pecado, por intermédio de uma instituição divina, e não as impurezas (SMITH, 2006: 99; HARTMAN, 1997: 10).

O próprio Morton Smith (2006: 98-99) observou, a partir da historieta do corpo (1Cor 12:12-23), que o batismo de Paulo era o caminho para a unificação com Jesus, concebido por Paulo como o Espírito. Estabelecendo, em outras palavras, uma relação entre Jesus por intermédio da possessão do Espírito. O espírito vive no interior do batizado e age através dele¹². Assim, o corpo de cada um possuía um "membro" do corpo de Cristo.

Contudo, mesmo o batismo paulino deve ser problematizado. Uma vez que assim como observamos releituras do ritual de João Batista para Paulo, teremos também distinções do batismo de Paulo para o ritual que está registrando nas pseudoepigráficas. Em outras palavras, ao harmonizar as cartas autênticas com as que são atribuídas a Paulo corre-se o risco de ter uma leitura de modo a homogeneizar os sentidos atribuídos ao ritual.

É verdade, que em ambos os casos o ritual batismal significa ser possuído por um Espírito. No entanto, enquanto nas autênticas os dons do Espírito se manifestam em todos, como demonstrou Smith com a historieta do corpo, a lógica parece não proceder quando nos voltamos para a epístola aos Efésios (Ef 4: 11-13):

E ele é que “concedeu” a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e doutores, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado do Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.

O fragmento acima é lido como parte de um credo¹³ que reforça, entre outros assuntos, uma unidade por intermédio da hierarquização dos dons. Os que estão nos mais elevados estamentos da pirâmide social são os detentores do mistério que “[...] foi agora revelado aos seus santos e profetas, no Espírito” (Ef 3: 5), sendo estes os responsáveis por garantir que os demais obtenham “o conhecimento do Filho de Deus” (BARTH, 2008b: 428).

¹² Mais conscientemente, o Espírito fala através do possuído fazendo barulhos incompreensíveis. Sintoma que, segundo Smith, pode ser comparado à esquizofrenia. Lewis (1971: 221-253) buscou analisar a possessão e o êxtase de diferentes culturas com o material descrito e analisado pelos psiquiatras. A conclusão apontada é: (1) o xamã ou aquele que está em estado de possessão é um psicótico controlado; (2) a sociedade abre espaço para estes indivíduos, pois eles são parte integrante do sistema total e ideias e suposições religiosas para aquela sociedade e (3) os cultos de possessão periférica representam uma resposta de não aceitação ao padrão de normalidade vigente, buscando outras realidades como forma de escapismos.

¹³ Barth (2008b: 464-468) sugere que todo o capítulo 4 da carta aos Efésios seria um credo de forma a reforçar determinados aspectos e regimentos do convívio e manutenção da assembleia.

Assim, diferentemente da primeira epístola aos Coríntios, em que todos tinham o imediato acesso corpo de Cristo ou a dons do Espírito, aqui o acesso ao corpo comprehende em unicamente a submissão à estrutura ministerial. Sendo este o significado do banho ritual para as lideranças que compuseram a carta aos Efésios. Isto é, um batismo que implicava na obtenção dos dons do Espírito por qualquer membro não era tido para estas lideranças como um “legítimo” batismo (Ef 4: 5).

III. Neste sentido, a casa-igreja de Dura-Europos se torna um importante objeto de estudo para os cristianismos originários. Uma vez que, nos permite vislumbrar do ponto de vista material os ambientes de reuniões dos cristãos que eram constantemente lembrados por Paulo em suas epístolas, mas que antes de Dura-Europos era impossível se falar sobre a luz da Arqueologia no recorte temporal entre os séculos I e IV EC.

Abrindo espaço para uma ampla reflexão sobre as identidades que estavam sendo configuradas, já em contexto de cisão entre Judaísmo e Cristianismo. Muito embora, a imagem de Jesus ainda não estivesse definida e por isso mesmo é central o batistério durano. Pois ele traz elementos sobre interpretações e compreensões da comunidade sobre Jesus, si mesma e uma origem identitário-religiosa ainda não definidos.

Em outras, palavras, o presente artigo preocupou-se em pontuar não apenas a relevância material da casa-igreja, mas buscou também, ainda que brevemente, levantar algumas discussões possíveis a partir da edificação no que diz respeito ao ritual batismal e as mudanças interpretativas que ele sofreu por conta das demandas sócio-estruturais.

Referências Bibliográficas.

1. Fontes.

1.1. Documentação Textual.

BÍBLIA. Novo Testamento. 1 Coríntios. Português. **Bíblia de Jerusalém.** Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Novo Testamento. Atos dos Apóstolos. Português. **Bíblia de Jerusalém.** Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Novo Testamento. Efésios. Português. **Bíblia de Jerusalém.** Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

1.2. Relatórios de Escavação.

KRAELING, C. **The Christian Building.** New Haven: Yale University Press, 1967.

Excavations at Dura-Europos. Final Report Volume VIII, part. 2.

2. Trabalhos Teóricos.

DETIENNE, M. **Comparar o incomparável.** Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Medo, Reverência, Terror.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEWIS, I. **Êxtase Religioso.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

THOMPSON, E. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Uma Crítica ao Pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. **Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

3. Dicionários, Manuais e Comentários.

BARTH, M. **Ephesians 4-6. A New Translation with Introduction and Commentary.** New Haven: Yale University Press, 2008b.

4. Textos Específicos.

BRODY, L. "Yale University and Dura-Europos: from Excavation to Exhibition". In: BRODY, L. and HOFFMAN, G. **Dura Europos. Crossroads of Antiquity.** Boston: McMullan Museum, 2011.

HARTMAN, L. **'Into the Name of the Lord Jesus' Baptism in the Early Church.** Edinburgh: T&T Clark, 1997.

HUMPHRIES, M. Material Evidence (1): Archaeology. In: HARVEY, S. e HUNTER, D. (Ed.) **Early Christian Studies.** New York: Oxford University Press, 2008.

JENSEN, R. **Face to Face. Portraits of the Divine in Early Christianity.** Minneapolis: Augsburg Fortress, 2005.

JENSEN, R. **Living Water. Images, Symbols, and Settings of Early Christian Baptism.** Boston: Brill, 2011.

MATHEWS, T. **The Clash of Gods. A Reinterpretation of Earlu Christian Art.** Princeton: Princeton University Press, 1995 (1993).

MOMIGLIANO, A. **Alien Wisdom. The Limits of Helenization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

SMITH, M. **The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark.** Dawn Horse Press; 3th edition, 2005.

STEPHANOS, M. "The Jewish Community at Dura-Europos: Portrait of a People". In:

Janus 2 (2001): 1-26.

WHITE, L. **The Social Origins of Christian Architecture. Building God's House in the Roman World: Architectural Adaptations among Pagans, Jews and Christians (Vol 1)**. Valley Forge: Trinity Press International, 1990.

WHITE, L. **The Social Origins of Christian Architecture. Building God's House in the Roman World: Architectural Adaptations among Pagans, Jews and Christians (Vol 1I)**. Valley Forge: Trinity Press International, 1991.